## A Condição Humana

## **Emanuel Dimas de Melo Pimenta**

2018

O século XXI será espiritual ou não será.

André Malraux

André Malraux tinha trinta e um anos de idade quando escreveu A Condição Humana. Ele tinha vivido no Vietnam, fora preso como ladrão de antiguidades, tornou-se num radical crítico do colonialismo, depois num defensor da liberdade e crítico feroz das ditaduras.

Li A Condição Humana pela primeira vez há muitos anos. O livro nos conta, na forma de romance, o Massacre de Shangai, que tinha acontecido cinco anos antes, em 1927. As ligações de Malraux com o oriente eram profundas. A história versa sobre o movimento dirigido por Tchang Kaï-chek esmagando e matando uma grande quantidade de comunistas. Mais tarde, em 1949, auxiliado pela antiga União Soviética, Mao Tsé Tung tomaria o poder e Tchang Kaï-chek transferiria o seu governo, defendendo princípios democráticos, para Taiwan, Ilha de Formosa.

O livro de Malraux foi escrito ainda com o sangue a ferver e a memória clara das suas experiências orientais. Trata-se de um mundo em revolução. Num certo sentido, vivemos uma revolução semelhante hoje - a metamorfose da sociedade eletrônica. Tal como aconteceu à época de Malraux, também hoje muitos valores e princípios são continuamente questionados. Quem somos, qual é o mundo que desejamos? E tal como naquela época, hoje os ânimos estão exaltados, gradualmente projetando em antigos amigos divisões de um imaginário que raras vezes é lucidamente verbalizado.

As pessoas ficaram com medo de falar sobre fatos sociais simples e vulgares, em relação à liberdade, direitos ou deveres, porque uma clara possibilidade de ser erroneamente classificadas dentro de um conjunto fechado de idéias e preconceitos passou a estar presente um pouco por toda parte.

A primeira vez que houve a possibilidade de se fazer um filme baseado em A Condição Humana de Malraux foi com Serguei Eisenstein, que logo desistiu, em 1936, de realizar o filme, por o considerar demasiadamente anti

estalinista. Ao longo de décadas, dezenas de cineastas, para além de Eisenstein, como Michael Cimino, Jean-Pierre Melville e até mesmo Bernardo Bertolucci, procuraram filmar aquela obra de Malraux, sempre sem sucesso. A leitura cinematográfica do livro de André Malraux passou a ser considerada maldita.

Em 2016, o crítico francês de cinema Pascal Mérigeau dizia: "Veremos algum dia 'A Condição Humana' levada ao cinema? (...) A lista de nomes associados a uma possível adaptação é interminável, e vertiginosa é a sucessão de anúncios, de falsas partidas, de desistências, de esperanças frustradas".

Comecei a filmar A Condição Humana três anos antes do artigo de Mérigeau, em 2013.

As filmagens foram realizadas ao longo de cinco anos, em cinco cidades: Paris, Nova lorque, Lisboa, São Paulo e Bolognano - que é uma aldeia nas montanhas dos Abruzzo, na Itália, dedicada à arte contemporânea, onde viveu Joseph Beuys. A dimensão da arte contemporânea de Bolognano, hoje reconhecida mundialmente, foi estabelecida pela Baronesa Lucrezia De Domizio Durini.

Longa metragem, com uma hora e dezoito minutos, não se trata de um filme convencional. Ao contrário! Ele é, ao mesmo tempo, um documentário e um filme de arte, um filme de animação, mas também um concerto musical. É uma experiência sensorial.

Trata-se de um filme sobre cada um de nós, sobre a vida humana no planeta, hoje. Um filme sem diálogos e sem palavras. É um contínuo exercício de voyeurismo sobre nós mesmos. O narciso tomado pelo avesso.

Algumas imagens clássicas estão claramente presentes - como a fascinante sombra das orelhas de um gato no início do romance. Mas, agora, trata-se de outro animal, meio-humano, num processo onde o imaginário é transportado para outra época - tomando, paradoxalmente, elementos visuais de quando Malraux escreveu a sua obra, nos anos 1930.

Assim, a descrição de um mundo em metamorfose é, na verdade, uma observação associada às nossas próprias imaginações.

O livro de Malraux é dividido em sete capítulos. O filme-concerto é estruturado em sete partes: cinco secções do filme e dois movimentos da música.

Música e filme foram criados em momentos totalmente diferentes, de forma completamente independente.

Este é o primeiro filme sobre A Condição Humana de Malraux.

Ele é dedicado ao meu querido amigo, compositor, artista e cineasta

americano Phill Niblock. Foi com ele, na Experimental Intermedia Foundation de Nova Iorque, que este filme teve início.

Quando, em 2017, contei ao meu caro amigo Philippe-Henri Latimier du Clésieux sobre o filme, então ainda não acabado, ele ficou profundamente encantado. Ele estava começando um novo festival de cinema em Paris, voltado para questões relacionadas à governabilidade, ao crescimento verde, e à ética numa escala planetária. Philippe-Henri tinha me convidado para o ajudar no festival, como um dos fundadores e como diretor da área de cinema experimental.

Aceitei imediatamente o seu convite e ele insistiu para que fizéssemos a première mundial do filme A Condição Humana na abertura do festival, em Paris. Independentemente daquela première mundial, fiquei responsável pela mostra de filmes no festival de diversos países como o Brasil, Estados Unidos, Portugal, Itália, Índia ou Japão.

Nessa mesma época, em 2017, Jean Olaniszyn - caro amigo, arista e curador, com quem tenho desenvolvido vários trabalhos ao longo dos anos - convidou-me para participar na criação do PAN Associação de Cinema e Fotografia Muralto, na Suíça, ao lado de Locarno. Na verdade, essa Associação suíça é mais um movimento internacional, um observatório planetário voltado para o universo contemporâneo e as suas raízes.

Começamos, junto com outros geniais parceiros, a desenvolver esse projeto na Suíça. Imediatamente, coloquei Jean e Philippe-Henri em contato e passamos a cogitar projetos comuns para a Suíça e a França.

Mas, como se a maldição sobre A Condição Humana para o cinema ainda estivesse viva, Philippe-Henri morreu subitamente em 2018, poucas semanas antes do festival em Paris!

Com a sua morte, tudo se descoordenou no festival francês.

Mas, a Natureza parece sempre desenhar os seus caminhos.

Com a morte de Philippe-Henri, dediquei o filme à sua memória, para além da dedicação ao Phill Niblock - coincidentemente, dois Filipes que, etimologicamente, significa "cavaleiros", "guerreiros".

E a première mundial de A Condição Humana foi transferida de Paris para Muralto-Locarno, coincidindo com a apresentação do PAN Associação de Cinema e Fotografia Muralto, numa galeria de arte - onde, de fato, o filme deveria conhecer a sua primeira apresentação.

No filme A Condição humana, somos todos nós mais próximos de Gisors, que do seu filho revolucionário Kyo ou do seu discípulo Tchen. E, se muitos de nós não partilhamos das suas ideias políticas, pertencemos seguramente à sua dimensão humana.